

## **O ETHOS DISCURSIVO EM O JORNAL DA SENHORAS: O PROCESSO DE RUPTURA E CONTINUIDADE**

Sandro Luis da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo se propõe a trazer algumas reflexões sobre a constituição do *ethos* discursivo na imprensa feminina, mais especificamente em **O Jornal das Senhoras**, na edição de 1 de janeiro de 1852. A base teórica que pautou este estudo foi Maingueneau (1997, 2004, 2008, 2010 e 2014) em relação ao discurso e ao *ethos* discursivo; com Melo (1985), Souza (2006) e Silva (2007), no tocante ao editorial e com Sodrê (2011), Mouillaud e Porto (2012), Buitoni (1981, 2009) quanto à imprensa. Por meio de levantamento bibliográfico e análise do discurso do editorial do *corpus* escolhido, pode-se constatar que a voz feminina enunciadora revela não só a consciência da realidade em que estava inserida, como também a necessidade de se lutar pelos direitos das mulheres daquele século XIX no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Jornal. *Ethos* feminino.

**RÉSUMÉ:** Cet article vise à donner quelques réflexions sur la constitution de l' *ethos* discursif dans la presse féminine , plus spécifiquement dans **O Jornal das Senhoras** dans l' édition du 1er. Janvier 1852. La base théorique qui a guidé cette étude était Maingueneau ( 1997, 2004 2008, 2010 et 2014 ) par rapport au discours et *ethos* discursif ; avec Melo ( 1985 ) , Souza (2006 ) et Silva (2007 ) , concernant la rédaction et Sodrê (2011 ) , Mouillaud et Porto (2012 ) , Buitoni (1981 , 2009) que le imprensa. Por travers une revue de la littérature et de corpus analyse du discours éditoriale choisie , on peut voir que l' énonciateur de voix féminine révèle non seulement la prise de conscience de la réalité qui a été inséré , ainsi que la nécessité de lutter pour les droits des femmes que du XIXe siècle Brésil .

**MOTS-CLÉS:** Discours . Journal. Ethos féminin.

### **1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

A imprensa, dentre as suas várias funções, como distrair, informar, formar opiniões também permite (re)constituição de importantes fatos da história. Ela faz referência aos mais variados temas da sociedade, valendo-se de linguagem verbal e não-verbal, da forma impressa e da digital, promovendo interações com seus leitores/espectadores/ouvintes.

---

<sup>1</sup> Doutor em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), professor adjunto de língua portuguesa no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo, *campus* Guarulhos.

Vários são os estudiosos da história da imprensa e, dentre eles, podemos citar Sodré (2011), que faz uma significativa retrospectiva da trajetória da imprensa no Brasil, evidenciando fatos da imprensa colonial, da imprensa da independência, do Pasquim, da imprensa do Império até chegar à crise da imprensa.

É inegável que o jornal constitui-se em uma importante ferramenta de veiculação de informações sobre os mais diferentes acontecimentos. Ele é um espaço público, que nasce das relações entre o Estado e as outras formas de poder que se articulam numa sociedade. De acordo com Resende (2006, p. 180),

O espaço público (...) significa o modo como se negociam saberes e poderes, ou, ainda, a maneira como se articulam forças e interesses em um mundo regido pelos meios de comunicação; ele é, por tudo isso, o espaço cuja norma é o conflito.

Este meio de comunicação de massa estabelece uma relação triádica: ele é o campo, o sujeito e o objeto, já que se caracteriza no lugar em que os fatos se apresentam, conta o que acontece(u) e é fonte de conhecimento.

Buitoni também constrói, por meio de suas obras, o caminho percorrido pela imprensa, sobretudo dos periódicos voltados para as mulheres, numa sociedade extremamente machista, tradicional e conservadora. A autora (1981) relata que, na segunda metade do século XIX, a imprensa se desenvolveu e estreitou laços com a literatura, fato constatado com grandes expoentes da Literatura Brasileira, como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Machado de Assis, para não citar outros, cujas obras também foram publicadas na forma de folhetins nos jornais brasileiros da época. Dentro desse contexto, havia também os periódicos cujos autores e dirigentes eram mulheres. Aliás, o número de mulheres no século XIX que escreveram em diferentes gêneros e variados suportes é grande, em várias regiões do Brasil.

Vários foram os jornais que surgiram nesse período e, dentre eles, **O Jornal das Senhoras**, não só voltado para o público feminino, como também por ele escrito e dirigido. Esse jornal era de responsabilidade de Joana Paula Manso de Noronha, que, a partir de 1852, “parece ter sido um dos primeiros a contar com mulheres na redação”. (BUITONI, 1981, p. 15).

Assim como os outros jornais, **O Jornal das Senhoras** também trazia o editorial, crônicas, ilustrações, moda. O primeiro número da publicação data de 1. de janeiro de 1852, trazendo “Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Críticas” a suas leitoras. Já na primeira edição, encontramos a contestação à hegemonia masculina na direção dos veículos de imprensa, numa tentativa de conscientizar os homens dos valores que as mulheres deveriam ter no novo contexto social que se desenhava.

Dado esse contexto inicial, o objetivo deste artigo é analisar o *ethos* discursivo feminino que a enunciativa de **O Jornal das Senhoras**, considerando o gênero discursivo editorial. Entendemos que o *ethos*, resumidamente, é a imagem discursiva constituída pelo enunciador no momento da enunciação e, nesse sentido, procuramos evidenciar a relação desse *ethos* com a realidade em que o enunciador enuncia, explicitando a relação do momento e do espaço em que isso ocorre, ou seja, Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

De acordo com Buitoni (2009, p. 45), “a linguagem não serve apenas para relatar ou descrever. A linguagem diz as coisas. E a imprensa feminina, sendo linguagem, diz a mulher. Ela produz formas, configurações que não aparecem à primeira vista.”. E assim, acreditamos, é o *ethos* discursivo. Partimos, então, da seguinte indagação: como o gênero discursivo editorial da mídia impressa leva o leitor à construção do *ethos* discursivo do enunciador, numa representação da mulher do século XIX? Como esse *ethos* discursivo evidencia o movimento de ruptura e continuidade do pensamento social daquele período?

Para atingir o objetivo a que nos propomos, dividimos o artigo em dois momentos: no primeiro apresentamos uma revisão da literatura, dialogando com Maingueneau (1997, 2004, 2008, 2010 e 2014) em relação ao discurso e ao *ethos* discursivo; com Melo (1985), Souza (2006) e Silva (2007), no tocante ao editorial e com Sodré (2011), Mouillaud e Porto (2012), Buitoni (1981, 2009) quanto à imprensa.

Evidentemente que não temos a pretensão de esgotar os argumentos em relação ao tema, mas sim trazer à baila algumas reflexões que envolvem as questões discursivas dentro da esfera jornalística.

## 2. REVISANDO A LITERATURA

Maingueneau (1997) considera que a linguagem é um fenômeno que deve ser compreendido não só em relação ao seu sistema interno, que exige dos seus usuários apenas uma competência específica, mas como forma de interação do homem com o seu meio. De acordo com o autor, a linguagem é marcada pela “dualidade radical da linguagem, a um tempo só, integralmente formal e integralmente atravessada pelos embates subjetivos e sociais”. (MAINGUENEAU, 1997, p.12). A linguagem, assim, constitui-se em um resultado de atividade humana, de um agir discursivo no mundo que situa o ser humano sócio-discursivamente.

A noção de discurso ocorre como um reflexo da modificação na forma em que se concebe a linguagem (MAINGUENEAU, 2002). Para ele, o discurso é uma organização situada para além da frase (“le discours est une organization au-delà de la phrase”, (Maingueneau, 2014, p. 19), é orientado e se constitui em uma forma de ação, já que “falar é uma forma de ação sobre o outro e não apenas uma representação do mundo.” (MAINGUENEAU, 2004, p. 52). Segundo o autor,

Pour le linguiste, qui oppose traditionnellement le système linguistique à son actualisation em contexte, le discours est communément défini comme ‘l’usage de la langue’ (...), por qui le discours est ‘le langage au-delà du mot, du groupe de mots et de la phrase’, agencé de façon à ce que la communication réussisse. (MAINGUENEAU, 2014, p. 17-18).

O discurso, pois, é dissociável do homem; a linguagem constitui-se em um sistema de interação entre sujeitos, por meio do qual se produzirá o efeito de sentido, a partir de objetos simbólicos, os quais revelarão que a linguagem não é transparente. Ele possui um valor pragmático, pois pretende estabelecer uma relação entre os sujeitos da enunciação.

Para o estudioso francês, “o discurso só é discurso enquanto remete a um sujeito, um EU, que se coloca como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais (...) e, ao mesmo tempo, indica que atitude está tomando em relação aquilo que diz e em relação a seu co-enunciador.” (MAINGUENEAU, 2004, p. 55). O autor ainda lembra que o discurso deve ser contextualizado, ou seja, inserido em um tipo de cenário que vai moldar a sua significação. Ressalte-se que, para o seu funcionamento, o discurso se insere nas leis da fala em que cada ato de linguagem vai reger a sua norma; ele está sempre relacionado em como se apresenta a palavra.

O discurso desempenha práticas sociais que se revelam pelo enunciador a partir da criação de uma subjetividade enunciativa do sujeito do discurso.

Maingueneau e Charaudeau (2004, p. 172) afirmam que o termo discurso

Não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos, através do qual ele deve abrir um caminho. Para interpretar o menor enunciado, é preciso colocá-lo em relação com todos os tipos de outros, que se comentam, parodiam, citam. Cada gênero de discurso tem sua maneira de gerar as multiplicidades das relações interdiscursivas (...). O próprio fato de situar um discurso em um gênero (a conferência, o jornal televisado, (...)) implica que ele é colocado em relação ao conjunto ilimitado de outros.

Segundo Maingueneau (2004, p. 15) o discurso “é uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. O discurso não opera sobre a realidade das coisas, mas sobre outros discursos e todo enunciado de um discurso se constitui na relação polêmica com outro. O sujeito é um espaço cingido por discurso e a língua um processo semântico e histórico. Por isso, o estudioso francês afirmar que “le discours est interactif” (MAINGUENEAU, 2014, p. 20), “le discours est contextualisé” (idem, p. 21) e, ainda, “le discours est pris em charge par un sujet”. (ibidem, p. 21).

Pode-se dizer que o discurso é uma forma de ação sobre o outro, entretanto essa ação exibe certos traços característicos de um enunciado que depende do ambiente, como, por exemplo, uma leitura – o enunciador controla a construção e a recepção da análise. O discurso se manifesta por meio dos gêneros que, por sua vez, são tidos como dispositivos de comunicação que aparecem em condições sócio-históricas e que fazem parte do cotidiano do ser humano. (MAINGUENEAU, 2004). E afirma o autor: “os gêneros de discurso pertencem a diversos tipos de discurso associados a vastos setores de atividade social.” (IDEM, p. 61).

O discurso se manifesta por meio de gêneros, que, segundo Maingueneau (2004, p. 61), “são dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes”. Para o autor (2014, p. 65), “on peut faire entrer un genre de discours dans trois modes de groupement, selon le point de vue que l’on privilégie: la sphère d’activité, le champ discursif, et le lieu d’activité”.

As esferas de atividade ("les sphères d'activité") são aquelas em que o sujeito age: a jurídica, a política, a literária, dentre outras. Os campos discursivos ("les champs discursifs"), por sua vez, implicam um posicionamento do enunciador, que faz com que os gêneros não sejam unidades estáticas, fechadas, obedecendo às leis de atividades ("lieu d'activité"); pelo contrário, são construídos de acordo com a situação de enunciação.

Ao se realizar o estudo do discurso, é preciso, ainda, considerar a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A primeira corresponde à definição mais usual de tipos de discurso, que, para Maingueneau (2014, p. 125), "(...) résulte du découpage d'un secteur de l'activité social caractérisable par un réseau de genres de discours.". A segunda faz referência aos gêneros do discurso, que define seu próprio papel na situação de comunicação. No caso do *corpus* deste artigo, a cena englobante é a literária e a genérica é a do editorial da 1a. edição de O Jornal das Senhoras, publicado em 1. de janeiro de 1852.

A cenografia diz respeito à enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para constituir progressivamente o seu próprio dispositivo de comunicação.

La notion de scénographie s'appuie sur l'idée que l'énonciateur aménage à travers son énonciation la situation à partir de laquelle il prétend énoncer. Tout discours, par son déploiement même, prétend en effet susciter l'adhésion des destinataires en instaurant la scénographie qui le légitime. (Maingueneau, 2014, p. 129-130).

Seguindo a linha de raciocínio de Maingueneau, podemos dizer que a Análise de Discurso possibilita observar o quanto as instâncias extradiscursivas estão inscritas no enunciado jornalístico, sobretudo na forma daquilo que Maingueneau chama de "cenografia", como acabamos de apontar, e *ethos*. De acordo com o autor,

A noção de ethos permite ainda refletir sobre o processo mais geral de adesão dos sujeitos ao ponto de vista defendido por um discurso, processo particularmente evidente no caso do discurso como a publicidade, a filosofia, a literatura, a política, que - diferentemente dos que não são parte de gêneros 'funcionais' como os formulários administrativos ou os manuais de instruções - devem conquistar um público que tem o direito de ignorá-los ou recusá-los. Todo texto escrito, ainda que a negue, possui uma vocalidade específica que permite remetê-lo a uma caracterização do corpo do enunciados (e não, está claro, do corpo do locutor extradiscursivo), a um

fiador que, por meio de seu tom, atesta o que é dito: o termo tom tem vantagem de valer tanto para o escrito quanto para o oral. Isso significa que optamos por uma concepção primordialmente “encarnada” do ethos, que, dessa perspectiva, abrange não apenas a dimensão verbal, mas igualmente o conjunto de determinadas características físicas e psíquicas vinculadas “ao fiador” pelas representações coletivas. (MAINGUENEAU, 2006, p. 271).

O *ethos* discursivo, então, é uma voz e um corpo relacionados a uma enunciação, pois, como vimos, o gênero implica um papel que determina a imagem que o enunciados tem de si e que o coenunciador constrói na enunciação daquele que enuncia.

O *corpus* deste artigo é um editorial de **O Jornal das Senhoras**. Consideramos que o editorial caracteriza-se como um gênero discursivo-argumentativo, estruturalmente organizado por ideias, justificativas, sustentações, negociações e conclusões e tem como principal objetivo persuadir o leitor a aderir à posição defendida. O editorial é resultado de uma atividade linguística produzida sob determinadas condições necessárias a que se atinja o propósito visado, tendo em vista, que o gênero apresenta assuntos que são por vezes polêmicos e que estão em evidencia no momento de produção, se espera que os leitores se posicionem criticamente em relação ao texto lido.

Melo (1985, p. 79) considera que “o editorial é o gênero jornalístico que expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento. Todavia, a sua natureza de porta-voz da instituição jornalística precisa ser melhor compreendida e delimitada”, uma vez que este gênero discursivo configura numa teia de articulações políticas, sociais, econômicas, dentre as várias que se fazem presentes na sociedade. Ao redigir o editorial, a princípio, a empresa jornalística precisa manter o equilíbrio semântico-discursivo, a fim de apreender e conciliar os diferentes interesses que circundam sua operação no cotidiano.

Em sua composição este gênero convoca o leitor a compreender as diferentes questões propostas no texto, por se tratar de um gênero argumentativo. O editorial se define por ser um texto no qual o jornal expressa sua opinião diante dos fatos de maior repercussão do momento. “O editorial tem a difícil tarefa de tomar uma posição diante dos fatos do cotidiano, num espaço cheio de contradições, e ainda conciliar os interesses de diferentes leitores” (PEREIRA, 2006; ROCHA, 2006).

Souza (2006), por sua vez, afirma que existem diferentes tipos de editorial:

O editorial opinativo ou padrão apresenta quatro atributos específicos: impessoalidade, topicalidade, consensualidade e plasticidade, ou seja, não é matéria assinada; trata de um tema bem delimitado e traz poucas ideias, dando mais ênfase às afirmações do que as demonstrações. O editorial padrão é gênero exclusivo de jornais, e com o perfil que apresenta, tal gênero talvez seja mesmo exclusivo desse veículo (...). Sousa (2004) chama a atenção para outros dois tipos. O editoriais mistos, isto é, aqueles que podem incorporar várias características como ser preventivo, informativo e intelectual, por exemplo. Os editoriais de apresentação, que são aqueles que apresentam um determinado número de um jornal ou de uma revista, justificando a abordagem de determinados assuntos, ou quando apresentam um novo órgão de comunicação que surge no mercado. (SOUZA, 2006, p. 62).

Os gêneros discursivos jornalísticos circulam na sociedade e também ajudam a formar opiniões. O discurso dessa esfera discursiva baseia-se na busca de uma neutralidade e objetividade, mantendo assim uma relação de transparência com seus leitores. Essa “neutralidade”, contudo, é ilusória: a linguagem e o discurso sempre contêm intencionalidade.

O discurso jornalístico se mostra como um mediador entre o leitor e a sociedade, um procedimento próximo daquele que ocorre na apresentação dos discursos no editorial, uma vez que estes expressam o ponto de vista do jornal.

Pela considerações apontadas, o editorial é um gênero discursivo predominantemente argumentativo, visto que se trata de um texto opinativo, no qual se tenta persuadir os leitores a partir de um fato de grande importância. Sua relevância reside no diálogo que estabelece com a sociedade, permitindo que os leitores assumam um posicionamento em relação a determinado(s) acontecimento(s).

### **3. A RUPTURA, A CONTINUIDADE E O *ETHOS* DISCURSIVO EM JORNAL DA SENHORAS**

#### **3.1. Breve contexto**

Na segunda metade do século XIX, há uma proliferação de periódicos, justificada pela estabilização da política e da economia no país:

A partir da segunda metade do século XIX, o Império está com a sua estrutura articulada e firme: consolidou-se para uma larga etapa e tudo ganha aspectos duradouros, parece definitivo. A imprensa, como todo o conjunto da cultura, reflete as transformações da época. (SODRÉ, 2011, p. 186).

Essa atividade era tipicamente realizada por homens, como afirma Sodré: “era realmente a época dos homens das letras fazendo imprensa” (SODRÉ, 2011, p. 192). Contudo, apesar do patriarcalismo da sociedade brasileira, encontramos registros da atuação feminina no campo da imprensa.

O *corpus* escolhido para análise é o editorial de **O Jornal das Senhoras**, periódico publicado semanalmente entre os anos de 1852 e 1855, no Rio de Janeiro. O público-alvo eram as senhoras de classe mais alta, alfabetizadas, já que a instrução básica era um privilégio naquela época, sobretudo quando se tratava de mulheres. No entanto, alertamos, mais uma vez, que os homens também eram público-alvo do jornal, como apontaremos na análise.

**O Jornal das Senhoras** trata-se de um dos primeiros, se não o primeiro jornal escrito e dirigido por mulheres, com existência efêmera, sendo publicado na primeira fase do jornalismo brasileiro, marcada pela insipiência da imprensa nacional. (Sodré, 2011). A Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro guarda os exemplares publicados naquela época.

Durante os seis primeiros meses, o jornal foi dirigido pela argentina Joana Paula Manso de Noronha, que morava na Corte, onde lecionou, atuou em vários jornais e publicou diversos trabalhos literários. Ela foi substituída por Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Velasco, tradutora de várias comédias italianas e francesas. Pelos mesmos motivos de Joana Paula, ela deixou a direção do jornal, que passou a ser conduzido por Gervásia Neves até 1856, que prometera a volta das edições em 1857, mas isso não ocorreu.

Como apontamos, analisaremos o editorial publicado em 1. de janeiro de 1852, o primeiro de toda a história desse jornal. Procuraremos evidenciar como o *ethos* discursivos da enunciativa revela um movimento de ruptura e continuidade da voz feminina daquele Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

### 3.2. O ethos discursivo feminino: continuidade e ruptura

De acordo com Amossy (2005), qualquer ato de tomar a palavra implica, necessariamente, “a construção de uma imagem de si” (2005, p. 9), ou seja, a construção da imagem do enunciados daquele discurso. E essa imagem cria rupturas e continuidades face a determinadas ideologias.

No primeiro período do editorial de **O Jornal das Senhoras** já encontramos os indícios iniciais da posição da enunciadora em relação à importância que o jornal assume naquele momento: “Redigir um jornal é para muitos litteratos o apogeu da suprema felicidade, *já sou Redactor*, esta frazezinha dita com seus botões faz crescer dous palmos a qualquer individuo”. De fato, o uso do verbo ser nos leva a apreender que há uma forma de engrandecimento social da pessoa; ser redator eleva a condição social e intelectual diante do outro. Observe-se, ainda, a palavra “já”, que reforça a ideia de que o escritor atingiu um grau elevado socialmente, ganhando prestígio na sociedade em que vivia.

Num tom de protesto, a enunciadora enfatiza a ideia de que “no círculo ilustrado o Redactor é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pode dizer muita coisa, propícia ou fatal a alguém.”. Por que protesto? Porque evidencia que redigir é ofício do homem; ela se expressa em tom de desacordo, no caso ao fato de caber só ao homem essa função de “redigir” para o jornal. Se aprofundarmos a análise, considerando os implícitos subentendidos, aqueles que podem ser inferidos de determinada proposição, mas não inscritos nela, é possível verificar, diante do posicionamento da enunciadora, que ela volta-se para um movimento de ruptura com o pensamento daquele Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. Isso corrobora com a afirmação de que “a apresentação de si é tributária dos papéis sociais e dos dados situacionais” (AMOSSY, 2005a, p. 13).

Há de se observar que **O Jornal das Senhoras** utilizou uma estratégia linguístico-discursiva interessante: embora o título traga a expressão “das Senhoras”, seu discurso dirigia-se também aos homens, pois elas tinham consciência de sua condição de inferioridade na sociedade tradicional e conservadora do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. Para a editora do Jornal, era preciso conscientizar os homens da importância de respeitar os direitos da mulher. Para ela, “No círculo ilustrado o Redactor é sempre recebido com certo prestígio de homem que em letra de imprensa pode dizer uma coisa, propícia ou fatal a alguém”. Revela-se o *ethos* discursivo de uma mulher consciente do papel social da imprensa que, se

por um lado engrandecia, por outro destruía. Como aponta Maingueneau (2008, p. 63), “o *ethos* é uma noção fundamentalmente híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-discursiva determinada”. É possível observar que se constrói um *ethos* discursivo de uma enunciativa que se posiciona criticamente diante de um evento, isto é, “uma situação de enunciação precisa”, como diz o autor francês.

A dicotomia ruptura/continuidade pode ser um convite para o enfrentamento de certo perigo: a mulher, ao se lançar como redatora rompe com uma tradição, levando à constituição de seu *ethos* discursivo para outra dimensão. A representação da mulher como mãe, dona de casa, aquela que vivia para a família rompe-se; abre-se espaço para novas atividades, novos olhares. Rompe-se com um determinado pensamento no Brasil, procurando dar continuidade àquilo que já acontecia na Europa e nos Estados Unidos da América, como diz a própria enunciativa:

Ora pois, uma Senhora a testa da redacção de um jornal! que bicho de sete cabeças será?  
Comtudo em França, em Inglaterra, na Itália, na Hespanha, nos Estados-Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundão de Senhoras dedicadas a litteratura colaborando diferentes jornais.

Ela pauta-se por elementos bastante significativos, não só na sua constituição linguística, mas na concepção sócio-histórica. O costume de mulheres se dedicarem a essas atividades remete-nos a ruptura de certa rigidez, de certo “tradicionalismo”, porém, notamos, no decorrer do discurso proposto, que a enunciativa introduz conceitos da emancipação feminina, algo que a princípio nos parece contraditório, ou ainda funciona como uma estratégia do discurso. Ela questiona: “Por ventura a America do Sul, ella só, ficará estacionaria nas suas ideias, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade?”. Percebemos nessa frase um desejo da enunciativa esclarecer não apenas o motivo da escrita do texto, como também o próprio motivo de existência do jornal – “acompanhar o mundo”, construindo uma nova imagem para a figura feminina: aquela capaz de conciliar diferentes atribuições, inclusive de escrever para um Jornal e dirigi-lo.

A construção do *ethos* feminino dessa enunciadora ocorre a partir da cenografia que se configura. O quadro cênico legitima o dizer da enunciadora, pois se trata de um editorial de um jornal feminino. A cenografia leva o leitor a encontrar um posicionamento de um EU que procura construir uma verdade; procura também evidenciar a mudança que se faz necessária na realidade daquele Rio de Janeiro do século XIX. Cria-se o *ethos* discursivo de uma mulher que está ligada aos acontecimentos do mundo, às transformações sociais. Interessante observar que ela fala do “redactor” e da “redactora”, o que irá refletir diretamente na sua credibilidade junto ao leitor.

A enunciadora ainda responde ao seu próprio questionamento:

Ora! não pode ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Côrte e Capital do império, Metropoli do sul d'América, acolherá de certo com satisfação e simpatia O JORNAL DAS SENHORAS, redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar a illustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher.

Essa asserção, modalidade incluída no modo delocutivo, mostra um modo de dizer bastante claro sobre o objetivo da enunciadora no editorial; pretende criar um sentido de verdade daquilo que afirma. O modo delocutivo caracteriza-se pelo fato de que aquele que enuncia não assume a responsabilidade do sentido. É como se ele existisse por si só. Há um distanciamento desse sujeito em relação ao seu discurso, como se observa nas palavras da Redatora, que se posiciona como testemunha de uma realidade que está acima de sua vontade e põe em evidência o efeito de objetividade do fato, uma vez que o dito não pertence àquele que enuncia.

No entanto, pode-se dizer que o modo delocutivo é mesclado ao elocutivo, em que o sujeito é capaz de manifestar-se no discurso. Ao enunciar “e cooperar com todas as forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher”, a enunciadora aproxima-se da realidade do século XIX, manifesta seu ponto de vista, e, através dessa afirmação, tenta convencer, ou mesmo alertar sua leitora do fato consumado de que os tempos são outros e a sociedade do Rio de Janeiro não tem como negar esse fato.

Há de se observar que a enunciadora se dirige, primeiramente, às mulheres, como exemplifica o editorial:

Eis-nos pois em campanha: o estandarte da illustração ondula gracioso à briza perfumada dos Tropicos: acolhei-vos a elle, todas as que possuis uma faísca de intelligência, vinde Confidente discreto das vossas producções literárias: elas serão publicadas debaixo do anônimo; porem não temas confiar-mo-las, nem temas dar expansão ao vosso pensamento; se o possuis é porque é dom da Divindade, e aquillo que Deus dá, os homens não o podem roubar.

Ela direciona sua fala ao destinatário dessa situação comunicativa – as mulheres – reafirmando o objetivo inicial de **O Jornal das Senhoras**. Mas, há, ainda, outro sujeito destinatário desse discurso, uma vez que há no corpo do texto, elementos que nos levam a considerar que o homem também seja alvo dessa proposta de comunicação. Encontramos marcas de falas que expõe esse fato: “os homens não podem roubar”.

Amossy diz que:

A construção discursiva do ethos se faz ao sabor de um verdadeiro jogo espetacular. O orador constrói sua própria imagem em função da imagem que ele faz de seu auditório, isto é, das representações do orador confiável e competente que ele crê ser as do público. (AMOSSY, 2005b, p. 124).

No editorial que constitui o corpus deste artigo, fala-se da imagem que se constrói dela tendo em vista dois públicos-alvo: o homem e a mulher. Há ainda no texto alusão à figura masculina, quando a enunciativa assume o pressuposto de que antigamente o saber era propriedade de “certos privilegiados”, o que nos leva a crer que a referência é feita aos homens, que eram quem mais tinha acesso à leitura e aos estudos e ao próprio ofício de escrever para os jornais, assim como dirigi-los. Portanto, confirma-se, mais uma vez, que o periódico **O Jornal das Senhoras** também era destinado aos homens.

O caminho percorrido linguisticamente pela enunciativa leva a leitora a construir a imagem daquele que enuncia: uma mulher que encoraja as outras mulheres a exteriorizar o pensamento, incentivando-as, encorajando-as e prometendo, ainda, o anonimato: “Por carta fechada a redacção do Jornal podem dirigir-se as Senhoras que desejarem honrar as nossas paginas.”. As propostas feitas por ela neste editorial marcam um comportamento allocutivo, ou seja, ela se dirige ao público, propondo, sugerindo, direcionando-se ao outro. No ato allocutivo, o “eu”

enuncia sua posição em relação ao "tu". Este é determinado sob a forma de um pronome pessoal (tu, você, senhor etc), em frases interrogativas ou imperativas. Há uma simulação de diálogo direto entre os sujeitos. As regras languageiras atribuídas a eles são de duas ordens: uma de superioridade e outra de inferioridade. Na primeira, o "eu" emprega categorias da língua obrigando o "tu" a tomar posição.

Nessa situação enunciativa, a enunciativa propõe aos/às leitores(as) executar as ações descritas, atribuindo a si um estatuto de saber. Ela propõe um trabalho colaborativo entre as mulheres para romper com a tradição de que só o homem deve e pode escrever para o jornal. O *ethos* que se constitui é da mulher que pensa em liberdade e autoridade, liberdade de consciência, igualdade. Nas palavras da enunciativa: "(...) pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher". Considerando a realidade sócio-histórica do século XIX, parece-nos bastante ousado, ou mesmo desafiador para uma mulher que a priori não tinha muita abertura no espaço público. E para surpreender um pouco mais, em seu discurso, a enunciativa propõe a igualdade desses direitos a homens e mulheres.

Para sustentar ainda mais seu discurso, vemos surgir um *ethos* discursivo de uma mulher que está atenta aos acontecimentos, que tem a capacidade de recuperá-los e registrá-los através do periódico. Ela percebe as sutilezas, as mudanças e as injustiças do espaço em que vive, a realidade brasileira, e, portanto, apresenta-se como alguém capaz de reconhecer também e acolher a realidade feminina. Esse percurso histórico também contribui para a construção desse *ethos* discursivo de mulher engajada politicamente, interessada na formação histórica e, possivelmente, nos caminhos futuros que terão as páginas da realidade brasileira – a pensar na realidade feminina em **O Jornal das Senhoras**.

Nesse sentido, a enunciativa apresenta ainda outro *ethos* discursivo, o da militante: "Eis-nos pois em campanha". Há, aqui, uma conclusão implícita: a sociedade precisa de mudança; a forma de ver o mundo precisa ser "atualizada". Com esse discurso, há um pedido, ou mesmo uma ordem implícitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O editorial analisado, assinado por Joanna Paula Manso de Noronha, publicado no dia 1. de janeiro de 1852, primeira publicação do periódico, oferece subsídios às ideias da editora/enunciadora, que constitui, na enunciação, o *ethos* discursivo de uma mulher cujo objetivo era combater a ignorância e defender os direitos das mulheres daquela época. A mulher projetada no discurso jornalístico carrega consigo imagens diversas que traçam seu *ethos* discursivo. Com a intenção de analisar essa construção discursiva, pudemos, a partir do modo de organização enunciativo, delinear a imagem que identifica a jornalista/redatora, através de seu periódico. Verificamos, portanto, que a imagem de enunciadora, comunicada a nós, é de uma mulher responsável por revelar aos outros, aquilo que ainda não o sabem, tanto aos homens – que o saber não é propriedade de poucos –, como às mulheres – que elas podem se instruir e adquirir direitos como os homens. Vemos assim, a finalidade informativa do discurso e o gênero editorial cumprindo seu papel, ou seja, de argumentar sobre um determinado acontecimento de uma época.

A enunciadora se apresenta ainda como portadora de uma visão do todo, com quem é capaz de observar, analisar e julgar o que acontece ao seu redor. Essa projeção assemelha-se ao que entendemos hoje como sendo função do jornalista. **O *Jornal das Senhoras*** trazia não apenas textos sobre moda, literatura, receitas de cozinha, como também ideias, ideais e sugestões, pensamentos e críticas. Sem dúvida, foi um periódico que marcou época, mesmo com o pequeno tempo de circulação.

Por meio do editorial, a enunciadora assume a posição daquela que também tem a função de mudar, de alertar, de “fazer saber” e “fazer crer”, pois este é o papel próprio do jornalista - aquele que clareia algo, que mostra o verdadeiro – efeito de verdade –, que se coloca na posição de quem sabe mais e tem o “dever” de expandir seus saberes, de compartilhá-los com seus leitores, destinatários. Nesse caso, vemos que muito mais do que “fazer saber”, **O *Jornal das Senhoras*** pretende fazer crer determinada realidade e ainda mais, “fazer crer” que a solução, a resposta a essa necessidade de mudança e progresso na sociedade está na educação e instrução da mulher e na ruptura de um pensamento tradicionalmente machista e conservador. Procura conscientizar homens e mulheres dos valores desta face às diferentes atividades que ela pode exercer socialmente.

## REFERÊNCIAS:

AMOSSY, R. Da retórica de ethos à análise do discurso. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005a. p.9-27.

AMOSSY, R. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 119-144.

BUITONI, D. S. **Mulher de Papel**. São Paulo: Summus, 2009.

\_\_\_\_\_. **A imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1981.

CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. **Discours et analyse du discours**. Paris: Armand Colin, 2014.

MELO, M. J. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOUILLAUD, M. e PORTO, S. D. (org.). **O jornal - da forma ao sentido**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.

PEREIRA, Rose Mary Ferreira; ROCHA, Thaís Ferreira da. **Discurso midiático: análise retórico-jornalística do gênero editorial**. Maceió, 2006.

REZENDE, F. O jornal e o jornalista: atores sociais no espaço público contemporâneo in SOUSA, M. W. (org.). **Recepção midiática e espaço público - novos olhares**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 179-198.

SILVA, P. H. **Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2007.

SOUZA, M. M. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. Universidade Federal de Recife. Recife, 2007

Recebido em 29 de abril de 2015 | Aprovado em 29 de junho de 2015